

Morte e glorificação de D. Miguel da Anunciação (1703-1779), Bispo de Coimbra

Death and glorification of D. Miguel da Anunciação (1703-1779), Bishop of Coimbra

GUILHERMINA MOTA

Professora aposentada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

guimota@mail.telepac.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4021-0614>

Artigo entregue em: 3 de maio de 2023

Artigo aprovado em: 30 de maio 2023

RESUMO

Este texto publica dois registos de óbito relativos ao Bispo de Coimbra D. Miguel da Anunciação (1703-1779) que faleceu em agosto de 1779 no Mosteiro de Santa Maria de Semide. Um dos registos foi lavrado na freguesia de Semide; o outro na de S. João de Almedina, de Coimbra, paróquia onde se localizava o Paço Episcopal. Nesses registos se documentam as circunstâncias do seu falecimento e o destino que tiveram os seus restos mortais. A vida conturbada de D. Miguel, marcada pelo seu longo cativeiro na prisão de Pedrouços, por causa da sua firme oposição ao regalismo pombalino, granjeou-lhe a auréola do martírio, tendo desencadeado a sua morte um grande movimento popular em busca de relíquias suas.

PALAVRAS-CHAVE: D. Miguel da Anunciação (1703-1779); Diocese de Coimbra; Relíquias; Século XVIII.

ABSTRACT

This paper publishes two death records referring to the Bishop of Coimbra D. Miguel da Anunciação (1703-1779), who died in August 1779 in the Monastery of Santa Maria de Semide. One of the records was drawn up in the parish of Semide; the other in the parish of S. João de Almedina, Coimbra, where the Episcopal Palace was located. These records document the circumstances of his death and the fate of his remains. The troubled life of D. Miguel, marked by his long captivity in the prison of Pedrouços because of his firm opposition to Pombaline regalism, earned him the halo of martyrdom. His death triggered a popular movement questing for his relics.

KEYWORDS: D. Miguel da Anunciação (1703-1779); Diocese of Coimbra; Relics; 18th Century.

«Uma das paginas dolorosas de Semide, e de que a chronica conserva mais saudosa memoria, é a da morte do bispo D. Miguel da Annunciação. No mez d’agosto de 1779 o bispo conde, quasi octogenario, deu começo a nova visita no seu bispado; terminando a digressão por uma visita canonica ao mosteiro de Semide, e presidencia á eleição de nova abbadessa» (Assumpção, 1900, p. 227)¹.

Compreende-se a forte comoção que o falecimento de D. Miguel da Anunciação, Bispo de Coimbra e Conde de Arganil, terá causado às freiras beneditinas do Mosteiro de Santa Maria de Semide, tendo ele ocorrido na hospedaria da casa e durante uma visita pastoral destinada a prover o cenóbio de nova prelada, restabelecendo a concórdia quebrada por conflitos havidos entre as religiosas.

Comoção, no entanto, que não só as monjas terão sentido, uma vez que a morte do bispo teve um poderoso impacto junto dos habitantes da região que, sabida a notícia, logo o tiveram por santo e procuraram abeirar-se do seu corpo com o desejo de guardar recordações a que atribuíam poderes miraculosos.

¹ Diz o Autor que os apontamentos constantes do capítulo “A morte d’um justo” (a páginas 227-237), de que se transcreve o presente excerto, pertencem a um manuscrito intitulado *Relação da preciosa morte do Sr. bispo-conde Dom Miguel da Annunciação, e d’alguns successos que a seguiram*.

A rápida proposição de santidade² poderá ter origem na sua conduta virtuosa e vida austera, mas prende-se talvez mais com o destino peculiar que protagonizou como antístite conimbricense, sendo D. Miguel considerado mesmo por alguns o maior bispo da diocese (Ramos, 2000, p. 388).

Nascido na freguesia de S. José da cidade de Lisboa, em 28 de fevereiro de 1703, e batizado como Miguel Carlos da Cunha, provinha de ilustre linhagem, pois era filho segundo do 1.º Conde de Povolide, D. Tristão da Cunha de Ataíde, e de D. Arcângela Maria de Távora, filha do 2.º Conde de S. Vicente, e era sobrinho do Cardeal D. Nuno da Cunha.

Fez os seus estudos, como porcionista do Real Colégio de S. Paulo, na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra, tendo obtido o grau de doutor em julho de 1725. Destinado primeiramente à carreira académica, era já condutário com privilégio de lente, quando infltiu o seu rumo, entrando como noviço para o Mosteiro de Santa Cruz, onde tomou o hábito em abril de 1728, como cônego regrante de Santo Agostinho, vindo a ser eleito Geral dos Crúzios em 1737³.

Nomeado bispo de Coimbra, recebeu a sagração episcopal em Santa Cruz, em 9 de abril de 1741. Animado de ímpetos renovadores, distinguiu-se pelo modo rigoroso com que exerceu o seu múnus apostólico, diligenciando por revigorar a vida religiosa do bispado. Realizou muitas visitas pastorais às paróquias, publicou diversas cartas, provisões e editais que tinham em vista melhorar a formação do clero e aperfeiçoar o comportamento espiritual e moral dos fiéis da diocese (Rodrigues, 1985, pp. 135-166). Atento também a necessidades de índole educativa e intelectual, promoveu a criação da Academia Litúrgica, estabelecida no Mosteiro de Santa Cruz em 1747 pelo Papa Bento XIV, e fundou o Seminário Maior da Sagrada Família em Coimbra — obra monumental de assinalável valor artístico —, inaugurado em 28 de outubro de 1765, ocasião em que houve festa e missa de Ação de Graças, estando a casa já habitada desde 1758⁴.

² Que D. Miguel falecera «com opinião de Santo» ficou logo registado pelo cura da paróquia de Semide à margem do assento de óbito (Documento I).

³ Sobre D. Miguel da Anunciação (Rodrigues, 1982-1983, pp. 205-298; Rodrigues, 1983, pp. 1-53; Campos, 2014, pp. 21-103; Almeida, 1968, pp. 608-619; Carvalho, 1955, pp. 337-367; Soriano, 1866, vol. 1, pp. 217-223).

⁴ O edifício ostenta no portal de entrada o brasão de D. Miguel da Anunciação, com as armas dos Condes de Povolide e o emblema do Mosteiro de Santa Cruz (Correia & Gonçalves, 1947, p. 97). O Seminário guarda também a memória do seu fundador no jardim, imortalizada em um busto de bronze sobre um plinto em pedra de Ançã, que foi colocado aquando das comemorações

Defensor intransigente da jurisdição eclesiástica, desenvolveu uma oposição tenaz à supremacia do poder civil sobre o poder da Igreja, de que é expressão veemente um texto publicado clandestinamente, logo em 1746⁵, em que fazia a apologia dos direitos episcopais contra intromissões do Santo Ofício na esfera de competência que era a sua (Rodrigues, 1982-1983, p. 221).

De forma mais patente e desafiadora, vai entrar em conflito aberto com o regalismo pombalino ao promulgar em 8 de novembro de 1768 uma carta pastoral⁶, muito polémica, onde punha em questão a Real Mesa Censória, que permitia e apoiava a leitura de livros⁷ que a Igreja interditava por transmitirem ideias contrárias à doutrina e colocarem em causa a disciplina da Igreja e os bons costumes e, pelo contrário, proibia a leitura de outros que a Igreja considerava de grande proveito. Nessa carta declarava nulas as licenças que não fossem passadas por si e ordenava aos sacerdotes que negassem absolvição no confessional a quem se não conformasse com as prescrições da pastoral.

Acusado de rebeldia contra o soberano, é, por ordem régia, afastado da sua cadeira episcopal e encarcerado na prisão de Pedrouços, onde ficará detido durante oito anos, sem julgamento. A pastoral é apreendida e queimada publicamente em Lisboa, na Praça do Comércio, D. Miguel, incurso em crime de lesa-majestade, reputado por morto e com os bens confiscados, o governo do bispado declarado vago⁸.

São-lhe imputadas as culpas de defensor do Sigilismo, que se considerava ser uma prática que ameaçava o segredo da confissão, e de prosé-

dos duzentos anos da sua fundação, em homenagem realizada por iniciativa do Bispo D. Ernesto Sena de Oliveira (1892-1972) (Campos, 2014, pp. 45 e 297-298).

⁵ *Fundamentos, que certas pessoas doudas Sendo perguntadas, offerecêraõ aos Senhores Arcebispos e Bispos de Portugal em defeza da sua Jurisdicão Ordinaria os quaes foraõ apresentados a Sua Santidade pelos Procuradores dos ditos Excellentissimos e Reverêdissimos Prelados...*, Madrid, na officina dos herdeyros de Francisco del Hierro, 1746. Na verdade, esta obra foi impressa numa tipografia clandestina que D. Miguel da Anunciação montou na quinta de S. Martinho do Bispo, pertencente à mitra, sendo o prelo da imprensa de António Simões Ferreira (Carvalho, 1868, pp. 315-339).

⁶ Análises minuciosas desta pastoral encontram-se em (Rodrigues, 1982-1983, pp. 222-233 e 285-298; Lavrador, 1995).

⁷ Nomeadamente a *Enciclopédia* e o *Dicionário Filosófico* e obras de Voltaire, Rousseau, Dupin ou Febronius.

⁸ Ver a sentença contra a pastoral em *Collecção das leys promulgadas, e sentenças proferidas nos casos da infame pastoral do Bispo de Coimbra D. Miguel da Anunciação, das seitas dos jacobeos, e sigillistas, que por occasião della se descobriram neste Reino de Portugal*, Lisboa, na Regia Officina Typografica, 1769.

lito da Jacobeia, movimento ascético e místico muito rigorista na exigência de uma perfeição pessoal que, levada ao exagero, desvalorizava a vida terrena, acabando por pôr em risco os princípios humanistas, e da razão, e adquirir uma feição retrógrada que comprometia o despotismo iluminado da Coroa⁹.

A sua reclusão terminou por decisão do rei D. José, tomada a 21 de fevereiro de 1777, três dias antes de falecer. Recuperada a liberdade dois dias depois, D. Miguel voltou para Coimbra, fazendo a sua entrada na cidade no dia 22 de agosto desse mesmo ano, com toda a pompa e aparato, reassumindo a direção do seu bispado¹⁰.

O sofrimento experimentado nos anos do longo cativo, caracterizado por particular dureza, granjeou-lhe a auréola do martírio. A veneração e o carinho de que era alvo são visíveis desde o seu regresso à diocese — de que dão testemunho, por exemplo, os inúmeros retratos seus encomendados por personalidades e instituições religiosas do centro do país (Dias, 1978, pp. 9-13) — e acentuam-se nos últimos momentos do prelado, tal como são então narrados.

A sua morte — pelo seu rápido desenlace (adoecendo a 25 de agosto, faleceu no dia 29), pelas circunstâncias que a rodearam (ocorrendo fora do seu Paço e durante uma visita pastoral, assim cumprindo até à hora final a sua obrigação apostólica) e, sobretudo, pelos factos extraordinários sobrevindos após o falecimento (a flexibilidade corporal e a fluidez sanguínea) — provocou de imediato a admiração da gente da diocese.

A viva emoção experimentada por todos os presentes, assim que D. Miguel fechou os olhos, desencadeou um enorme alvoroço popular que irá marcar de forma exacerbada o cerimonial fúnebre, a trasladação do corpo para o Mosteiro de Santa Cruz, o cortejo vindo de Semide, a chegada a Coimbra. Sucodem-se as cenas extremas, em busca de relíquias, querendo todos recolher sangue, tocar-lhe ou obter retalhos das roupas (Carvalho, 1955, pp. 365-367; Assumpção, 1900, pp. 234-237).

O seu corpo foi embalsamado como era corrente praticar em pessoas de grandeza fidalga, o que, no seu caso, faria aumentar a atração sentida pelos povos, pois a não decomposição confirmava que o falecido gozava de especial apreço divino.

⁹ Sobre a questão religiosa do Sigilismo e sobre o movimento da Jacobeia, ver, por todos (Silva, 2001, pp. 233-236; Castro, 2001, pp. 5-7).

¹⁰ Sobre a entrada do bispo na cidade, ver o documento publicado por Manuel Augusto Rodrigues (1982-1983, pp. 252-258).

Parco de detalhes fúnebres — apenas refere que as entranhas ficaram enterradas no presbitério, do lado do Evangelho —, o cura da paróquia de Semide, João Gomes, detém-se mais na descrição das derradeiras ações do prelado em prol da doutrina e da fé, realizadas na véspera de adoecer (Documento I), como é o caso da administração do sacramento do Crisma aos fiéis de Semide e de Rio de Vide — terá confirmado cerca de trezentas pessoas (Campos, 2014, p. 101)¹¹ —, e ainda da sessão dirigida aos clérigos, com uma prédica sobre as Meditações do Inferno, ocupando todo o dia nessas funções.

Mais pormenorizada é a descrição que faz Joaquim de Moura Coutinho, prior da freguesia de S. João de Almedina, da cidade de Coimbra (freguesia onde se localizava o Paço Episcopal), sobre o processo de embalsamar que foi levado a cabo no próprio local do passamento (Documento II). Pelo teor do registo de óbito se fica a saber a disposição que foi feita dos seus restos mortais: as entranhas foram sepultadas na capela-mor da igreja de Semide, do lado do Evangelho, exceto o coração, que, a pedido insistente das religiosas, ficou conservado no Mosteiro de Santa Maria de Semide. O casco encefálico foi entregue ao cuidado do Seminário Maior da Sagrada Família de Coimbra, assim sublinhando, de modo simbólico, a ligação perene do prelado à casa que havia fundado. O corpo foi enterrado na igreja do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

O lugar do seu eterno descanso foi muito disputado, quer pelas monjas de Semide, quer pelos dirigentes do Seminário, mas prevaleceu a escolha de sepultura que o próprio D. Miguel havia feito, como cônego regular de Santa Cruz que nunca deixou de ser. Jaz sepultado na nave da Igreja de Santa Cruz de Coimbra, do lado da Epístola, em frente do altar de Nossa Senhora da Conceição, tendo-se respeitado o que ele mesmo havia determinado: em campa rasa, mas em campa feita de novo e com epitáfio próprio, dentro de um caixão, envergando paramentos episcopais¹². Em campa rasa e em local de passagem — e não na capela-mor como era de estilo¹³ —, o que definia

¹¹ E não «coisa de quatrocentas» como se diz no manuscrito publicado em Branquinho de Carvalho (1955, p. 363), ou «perto de quinhentas» como escreve Lino d'Assumpção (1900, p. 228).

¹² Como consta de um manuscrito transcrito por Branquinho de Carvalho (1955, p. 367). Ver a tradução portuguesa do epitáfio, que está escrito em latim, em Aurélio de Campos (2014, p. 101).

¹³ Lugar onde só se sepultavam bispos, priores e beneficiados (AUC, *Registos Paroquiais*. S. João de Almedina, *Livro de Óbitos*. 1747-1803, fól.79).

uma atitude de humildade, sabendo que a sua sepultura ia ser pisada por quem se movimentava dentro do templo¹⁴.

Depois de embalsamado, foi levado para a igreja do Convento de Semide, onde se rezou missa e o ofício de defuntos. Seguiu depois para Coimbra, onde era esperado por uma multidão, apesar de ser já de noite e de ter irrompido uma forte trovoadas. Foi então colocado na capela-mor do Mosteiro de Santa Cruz, sobre uma armação de veludo preto com franjas de ouro. Aí esteve três dias até ao sepultamento, sendo muito numeroso o concurso de gente que acorreu ao mosteiro, de tal modo que foi preciso colocar guardas para acautelar desordens, pois as pessoas pediam, com enorme ânsia, que lhes tocassem rosários, cruzeiros e escapulários no corpo do bispo defunto¹⁵.

Na Oração fúnebre proferida em sua intenção apontam-se mais elementos sobre a devoção popular, sentida muito para além da cidade e região conimbricenses:

[...] procuram todos á porfia possuir alguma parte das alfaias que foram de seu uso para nellas conservarem uma perpetua memoria da sua grandeza. O seu sangue se recolhe em lenços e se divide em immensidade de pedaços pelos muitos que o pertendem; as suas roupas se estimão como reliquias: e até se diz que as magestades mandaram pedir os seus roquetes para dar-lhe a mesma estimação: o escuro do seu carcere se visita com devoção e n'elle se beija a terra [...] o enxergão da sua cama se faz em retalhos, para com elles contentar aos muitos que d'elle procuravam uma lembrança (Rodrigues, 1982-1983, pp. 272-273).

Claro que não havia unanimidade em torno da atribuição de santidade a D. Miguel da Anunciação. Em contraponto com as descrições que iam nesse sentido, atente-se, e desde logo, na notícia publicada na *Gazeta de Lisboa* (Documento III), simples anúncio do falecimento, com uma mera indicação dos factos e uma caracterização sucinta da sua personalidade, carreira académica e eclesiástica. Mais assertivos, alguns dos seus detratores chamavam a atenção para o facto de não ser santo quem não tinha sido canonizado e negavam os milagres que lhe eram atribuídos, avançando que

¹⁴ Atitude um tanto contraditada pelas evocações das duas capelas edificadas no Seminário de Coimbra, a Capela de S. Miguel e a Capela da Anunciação, assim perpetuando o nome do bispo na obra que fundara (Campos, 2014, p. 44).

¹⁵ Sobre o enterro do bispo de Coimbra, ver também “D. Miguel da Anunciação. Seu enterro”. *Conimbricense*. 1870, n.º 2367.

os casos, que pretensamente os comprovavam, se podiam explicar por causas naturais (Carvalho, 1955, pp. 341-342)¹⁶.

A detenção do bispo de Coimbra e o seu afastamento da diocese enquadram-se na política regalista pombalina e no processo de secularização do Estado que pressupunha a diminuição do poder da Igreja, a limitação da interferência do papado nas questões internas do reino, a redução dos direitos jurisdicionais e dos privilégios eclesiásticos. Entende-se assim que a Igreja, como forma de resistência, se tenha fixado na figura de D. Miguel da Anunciação, lembrando os seus padecimentos e exaltando as suas virtudes.

Mas o que todo o episódio da morte e exéquias fúnebres do prelado demonstra, de modo expressivo, é que no último quartel do século XVIII continua bem vivo o culto dos santos e das relíquias não só junto da clerezia, mas também na consciência e no sentimento das populações.

Em boa verdade, o culto dos santos, surgido na Alta Idade Média, nascera mesmo no seio das massas populares: era a *vox populi* que então designava os santos, limitando-se a hierarquia eclesial a organizar o seu culto. Somente a partir do século VIII, com o surgimento de novos santos, de mártires e da disputa dos seus veneráveis despojos, é que as autoridades religiosas passam a sancionar as canonizações e a proceder à autenticação das relíquias. E, em consequência, entre os séculos XII e XIV, estas diminuem significativamente (González Lopo, 2013, pp. 22-25).

Com a Reforma e a sua condenação do culto dos santos e das relíquias, que julgava uma manifestação de idolatria, a Igreja Católica viu-se na obrigação de confirmar a sua ortodoxia. Assim, no Concílio de Trento, na sua Sessão XXV, reitera a legitimidade e a relevância da veneração dos santos, das suas relíquias e das imagens sagradas, condenando todos aqueles que não aceitavam o seu significado espiritual (Castro, 1946, pp. 332-335).

Este culto volta pois em força com a Contrarreforma — alimentado desde as mais altas instâncias, como se vê na coleção de relíquias que Filipe II de Espanha (1527-1598) juntou em S. Lourenço do Escorial, «uma impressionante, quase doentia coleção» (Gouveia, 2001, p. 123)¹⁷ — e permanece bem ativo na piedade barroca setecentista, atingindo considerável relevância

¹⁶ Alguns desses milagres são referidos na Oração fúnebre, adiantando o autor, prudentemente, que não os pode «asseverar por verdadeiros», mas também não pode «impedir a fama de seus eccos» (Rodrigues, 1982-1983, p. 207).

¹⁷ A coleção de Filipe II é constituída por cerca de 7500 relíquias.

em Portugal no reinado de D. João V (1689-1750). O próprio rei era um fervoroso devoto, albergando uma vasta coleção de relicários no palácio régio e mandando erigir em 1744 um santuário de relíquias em uma das capelas da Igreja Patriarcal (Araújo, 1991, pp. 68-69).

A veneração das relíquias e das imagens dos santos manteve-se assim, ao longo do tempo, como uma das mais acesas devoções do Cristianismo católico. A evocação dos homens justos e compassivos e das suas vidas modelo, assim como a exibição de despojos seus, a que se atribuíam propriedades milagrosas, constituíam meios eficazes para a instrução e a catequese não só dos fiéis pobres e iletrados, mas também das elites ricas e cultivadas (Gomes, 2020, pp. 61-62 e 65-66).

Por outro lado, se a veneração dos santos respondia a necessidades espirituais das pessoas (Capelão, 2011, pp. 105-118), também respondia a necessidades das igrejas em que os santos se sepultavam, ou que adquiriam as suas relíquias, gerando esse culto benefícios materiais com esmolas e doações.

As relíquias mais piedosas, as de primeiro grau, eram as que provinham de partes, restos ou sangue do próprio corpo do santo. Menos valorizadas, mas ainda assim importantes, eram as relíquias de segundo grau, as que resultavam das roupas ou objetos que lhe haviam pertencido. Quando não era possível conservar o corpo inteiro, as igrejas e capelas contentavam-se com um dos seus elementos, proliferando os ossários e sacrários de múltiplos santos pelas igrejas da Cristandade. O mais nobre era o coração, sede da vida e do sentimento, há muito representado, sob uma forma idealizada, como o coração tomado de amor, ou o Sagrado Coração de Jesus (Ariès, 1977, p. 380), e por isso tão desejado pelas religiosas de Semide. Também os fragmentos ósseos do crânio estavam entre as relíquias mais procuradas (Gouveia, 2001, p. 120), assim se compreendendo a pretensão do Seminário de Coimbra.

Há muito de macabro neste culto das relíquias, sendo o macabro, na consagração ritual da morte, um dos traços fortes da sensibilidade barroca (Araújo, 1991, pp. 53-59), mas a realidade é que esse culto vai perdurar até aos nossos dias e não só em contexto religioso.

No século XIX, com o avanço da secularização, já se não pretende a salvaguarda da memória de santos, de homens que se distinguiram pela sua dimensão mística. O êxtase da fé cede ao culto cívico dos “grandes homens”, que no nosso país ganhou projeção com o Liberalismo, acima de todos com o rei D. Pedro IV (1798-1834). Rei que, à hora da morte, pediu à mulher que enviasse «o seu Coração aos leais amigos Portuenses, e o

[mandasse] depositar naquela Cidade Heróica»¹⁸. A sua vontade foi satisfeita e o seu coração guarda-se na capela-mor da Igreja da Lapa, na cidade do Porto, templo eleito para tal honra por decisão de sua filha, a rainha D. Maria II (1819-1853). Recentemente, a exposição do seu coração no Palácio de Itamaraty, em Brasília, foi um acontecimento que integrou as cerimónias das Comemorações do 2.º Centenário da Independência do Brasil, evidenciando o valor simbólico que as relíquias ainda conservam, mesmo que manipuladas para fins políticos.

As relíquias de D. Miguel da Anunciação, tanto quanto me foi dado saber, não terão resistido às vicissitudes do tempo e da ação dos homens.

Com a legislação liberal, que decidiu a extinção das congregações religiosas regulares, ficou selado o destino do Mosteiro de Santa Maria de Semide, tal como aconteceu com os demais. Prevendo a lei a permanência dos cenóbios femininos enquanto neles continuassem a viver religiosas profetas, só em 1896 este mosteiro fechou as portas. Tal aconteceu com o falecimento de D. Maria dos Prazeres Pereira Dias, a última monja do Mosteiro de Semide, que ocorreu no dia 21 de agosto desse ano. Foi então feito, como estava disposto, o inventário de todos os bens existentes à data. Entre esses bens contavam-se as alfaias, vasos sagrados e mais objetos de culto de que se fez inventário, não existindo qualquer referência a relíquias (Pina, 1896).

Também no elenco das relíquias existentes no Seminário da Sagrada Família de Coimbra não está contemplada a que diz respeito ao bispo da diocese (Campos, 2014, pp. 94-95). O Seminário não escapou ao saque a que as tropas francesas procederam em 1810, tendo os soldados mutilado, danificado e destruído as relíquias que estavam em relicários de prata (Campos, 2014, p. 121), tendo sido talvez a destruição o destino daquela que evocava a lembrança do seu fundador.

A controvérsia de santidade de D. Miguel da Anunciação fica circunscrita à época e à complexa questão entre a autoridade da Igreja e a afirmação regalista da Coroa, e só durou enquanto essa questão teve impacto na ação política e religiosa. Por fim, o tempo, que tudo avalia e supera, redesenhou a figura de D. Miguel e da sua importância para o bispado de Coimbra. E, se em 1961 ainda é tido por mártir (Nascimento, 1961), hoje não é visto como um santo cujas relíquias se venerem. O que avulta são os traços de um homem austero e corajoso que lutou pelas suas convicções e pelo prestígio da Igreja que servia.

¹⁸ Marquês de Resende, *Elogio Historico de Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro, Duque de Bragança [...]*, (apud Catroga, 1999, p. 175).

Documento I

Assento do óbito de D. Miguel da Anunciação na paróquia de Semide¹⁹

Aos vinte nove do mes proxime de Agos.to pella huma hora e meia de vespora faleceo com seu juizo m[ui]to claro e vista clara o Senhor Bispo Dom Miguel da Anun<c>i[a]çam Coniguo Regular de Santa Crus de Coimbra o qual havia dois annos e seis mezes que tinha sahido com m[ui]to triunfo do carcere que teve durante outo annos e tres mezes morreo com todos os sacram[en]tos elegeo na minha presença a sua sepultura no altare ou junto do Altar de N[ossa] Senhora da Conceicam da Igreja de Santa Crus emfermou a 24 de Agosto no dia de S. Bartholomeu neste dice mis[s]a crismou todos os que se achavam por crismar desta freg[uesi]a e Rio devida que a esta Igr[e]ja mandou vir da qual obrigacam sahio m[ui]to fatigado pella huma <hora> de depois do meio dia e nes[s]a tarde fes huma pratica aos clerigos sobre As meditacoens do inferno espirou no segundo coarto do ocazo as entrenhas ficaram enterradas no prebisterio da parte do Evangelho <desta Igr.a> de que fiz este acento dia mes e anno ut supra

O Cura Joam Gomes

À margem: Coimbra. D. Miguel Bispo Conde que faleceo com opinião de Santo.

Documento II

Assento de óbito de D. Miguel da Anunciação na freguesia de S. João de Almedina²⁰

Aos vinte e nove dias do mes de Agosto de mil e sete centos e setenta e nove annos, nas ospedarias do Mosteyro de Semide, faleceo da vida prez[ent]e felizm[en]te por sinais bem manifestos que Ouve, e Observarão pessoas doutas, e Religiozas, com Edificacão de todos, com todos os sacramentos, o Excm.o e Rm.o Sñr. D. Miguel da Anunciação, Bispo Conde deste Bispado de Coimbra, e Conego Regular de S[an]to Agostinho da Congregação Reformada de S[an]ta Crux de Coimbra; foi Embalcemado no mesmo Citio em que faleceo, sepultarão as intrenhas na Capela Mor de Semide, exceto o Coração, que as Regiozas [sic]

¹⁹ Arquivo da Universidade de Coimbra. (1752-1804). *Livro Misto (1752-1804)*. Registos Paroquiais de Semide, fl. 78v. Este assento está já publicado (Rodrigues, 1982-1983, p. 274), mas de forma incompleta.

²⁰ Arquivo da Universidade de Coimbra. (1747-1803). *Livro de Óbitos (1747-1803)*. Registos Paroquiais de S. João de Almedina, fls. 79-80.

o pedirão com m[ui]tas instancias, o qual se concerva dentro do seu Mosteyro, e Dr.o por interceção do Mesmo Exc.mo Prelado, obra m[ui]tos purdigios, como piam[en]te cremos; Apenas Espirou, vierão povos inteiros, que custavão a suspender, e dezião, que querião ver O Santo; e querião bocadinhos da Roupa, e do sangue, que deitou das sangrias do pe, e do braço, depois de morto, m[ui]tas oras, e tambem da Abertura que os serurgioins lhe fezerão p[ar]a O embalcemar, o que se concedeo; e As Religiozas e a mais Pessoas pias, que com m[ui]ta instania [sic] pedião bocadinhos daquele perciozo despojo; o bocado do Casco que se cortou p[a]ra lhe tirarem os miolos, foi p[ar]a O Seminario; veio a sepultar a S[an]ta Crux, ao pe do Altar da S[enhor]a da Conceição, não obstante os clamores que as Religiozas lhe mandarão fazer, O emp[enh]o que havia de elle se sepultar no Seminario, de que era fundador, porem elle mesmo Elegeu o lugar do descanço Athe O fim do mundo: e p[ar]a sucego do Povo, esteve Exposto tres dias, em S[an]ta Crux, aonde o mesmo Povo obrou com Pied[ad]e m[ui]tas acçoins obceruadas por todos, de que se dava a D[eu]s Gloria, e honrra; e se admiravão, e confundião os mais tibios na Fe; E p[ar]a constar fis este Asento que asignei: Coimbra hoje dia, mês e anno ut supra

O Prior Joaquim de Moura Coutinho

À margem: O Excm.o e Rm.o Snr. D. Miguel da Anunciação Bispo Conde de Coimbra

Documento III

Notícia do óbito de D. Miguel da Anunciação na *Gazeta de Lisboa*²¹

A 29 deste mez faleceo o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Miguel da Annunciação, Bispo de Coimbra, e Conde d'Arganil, no Convento de Semide, duas leguas desta cidade, onde tinha ido assistir à eleição da Abbadessa, de huma caterral, que o acabou em 4 dias, falecendo pela 1 e 1/2 da tarde. A 30 foi transportado para o Convento de Santa Cruz, onde pedio que o enterrassem. O Clero da cidade sahiu a cavallo a esperallo à Portella, meia legua fóra de Coimbra. Este veneravel Prelado, filho da Illustrissima Casa de Povolide, nasceo a 13 de Fevereiro de 1703, foi Porcionista no Collegio de S. Paulo, e Graduado Doutor em Canones em 1725, Condutario na mesma Faculdade com privilegios de Lente. Entrou na Congregação dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho em 1728; foi eleito Geral da mesma Congregação em 1737, e sagrado Bispo em 1741.

Coimbra 31 de agosto.

²¹ *Gazeta de Lisboa*, n.º 36 (terça-feira, 7 de setembro de 1779).

Bibliografia

Fontes manuscritas

AUC (Arquivo da Universidade de Coimbra)

Arquivo da Universidade de Coimbra. (1747-1803). *Livro de Óbitos (1747-1803)*. Registos Paroquiais de S. João de Almedina, fls. 79-80.

Arquivo da Universidade de Coimbra. (1752-1804). *Livro Misto (1752-1804)*. Registos Paroquiais de Semide, fl. 78v.

Fontes impressas

Gazeta de Lisboa, n.º 36. (1779). Offic. De Luiz Joze Correa Lemos.

O Conimbricense, n.º 2367. (1870). [s.l.].

Silva, J. de. S. da. (1769). *Collecção das leys promulgadas, e sentenças proferidas nos casos da infame pastoral do Bispo de Coimbra D. Miguel da Anunciação, das seitas dos jacobeos, e sigillistas, que por occasião della se descobriram neste Reino de Portugal*. Regia Officina Typografica.

Referências bibliográficas

Almeida, F. de. (1968). *História da Igreja em Portugal (Vol. 2)*. (Nova edição preparada e dirigida por Damião Peres). Livraria Civilização.

Araújo, A. C. B. de. (1991). Morte, memória e piedade barroca. In A. M. Coelho (Coord.), *Atitudes perante a morte* (pp. 47-91). Livraria Minerva.

Ariès, P. (1977). *L'homme devant la mort*. Éditions du Seuil.

Assumpção, T. L. da. (1900). *As monjas de Semide (reconstituição do viver monástico)*. França Amado.

Campos, A. de. (2014). *Seminário de Coimbra: Subsídios para a sua história*. Gráfica de Coimbra.

Capelão, R. M. dos S. (2011). Lo racional en el culto de las reliquias: La función taumática: La necesidad de creer. *História: Revista da FLUP*, 1, 105-118.

Carvalho, J. B. de. (1955). A vida atribulada do bispo D. Miguel da Anunciação (1703-1779). *Arquivo Coimbrão*, (13), 337-367.

Carvalho, J. M. de. (1868). *Apontamentos para a Historia Contemporanea*. Imprensa da Universidade.

Castro, J. de (1946). *Portugal no Concílio de Trento (Vol. V)*. União Gráfica.

Castro, Z. O. de. (2001). Jacobeia. In C. A. M. de Azevedo (Dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal (Vol. III)* (pp. 5-7). Círculo de Leitores.

- Catroga, F. (1999). *O céu da memória: Cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911)*. Minerva.
- Correia, V., & Gonçalves, A. N. (1947). *Inventário Artístico de Portugal. II. Cidade de Coimbra*. Academia Nacional de Belas Artes.
- Correia, V., & Gonçalves, A. N. (1952). *Inventário Artístico de Portugal. IV. Distrito de Coimbra*. Academia Nacional de Belas Artes.
- Dias, P. (1978). *As pinturas do italiano Pasquale Parente da coleção do Museu Nacional Machado de Castro*. Coimbra. Sep. *Arquivo Coimbrão*, 27.
- Gomes, S. A. (2020). Sagrados monumentos: As relíquias de mártires e de santos em Portugal. In C. Osswald, & J. E. Franco (Coord.), *Fazer da morte uma vitória: Martírios e massacres* (pp. 61-62, 65-66 e 109-150). Theya.
- González Lopo, D. L. (2013). Como se construye la historia de un santo? La imagen del santo y su evolución a través de los siglos: El ejemplo de S. Rosendo de Celanova. *Lusitania Sacra*, 28, 21-48.
- Gouveia, A. C. (2001). Relíquias. In C. A. M. Azevedo (Dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal (Vol. 4)* (pp. 120-125). Círculo de Leitores.
- Lavrador, J. E. P. (1995). *Pensamento teológico de D. Miguel da Anunciação: Bispo de Coimbra (1741-1779) e renovador da Diocese*. Gráfica de Coimbra.
- Nascimento, A. do. (1961). *D. Miguel da Anunciação, bispo e mártir. (Documentos inéditos), considerações históricas*. Edição do Autor.
- Pina, M. C. de B., Bispo-Conde. (1896). *A execução das leis de Fazenda na extinção dos conventos: Queixa a Sua Majestade El-Rei do que se fez na extinção do de Semide em Agosto de 1896*. M. Gomes.
- Ramos, A. de J. (2000). Coimbra, diocese de. In C. A. M. Azevedo (Dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal (Vol. 1)* (pp. 387-399). Círculo de Leitores.
- Rodrigues, M. A. (1982-1983). Pombal e D. Miguel da Anunciação, Bispo de Coimbra. *Revista de História das Ideias*, 4(1), 207-298.
- Rodrigues, M. A. (1983). D. Miguel da Anunciação e o Cabido da Sé de Coimbra. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, V, 1-53.
- Rodrigues, M. A. (1985, março 20-22). *As preocupações apostólicas de D. Miguel da Anunciação à luz das suas cartas pastorais* [Comunicação]. A mulher na sociedade portuguesa: Visão histórica e perspectivas actuais. Actas do Colóquio, Coimbra.
- Silva, A. P. da. (2001). Sigilismo. In C. A. M. Azevedo (Dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal (Vol. 4)* (pp. 233-236). Círculo de Leitores.
- Soriano, S. J. da L. (1866). *História da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal (Vol. 1)*. Imprensa Nacional.